

Gotas de limão

Aforismos

Émile Armand

1956

Até as 9h15, você achava que a pessoa com quem estava morando há tanto tempo era dotada de todos os tipos de atributos e qualidades incomparáveis; ao ouvi-la, poderíamos dizer que ela era a encarnação de um ideal, quase um anjo enviado do céu para acompanhá-lo e tornar sua existência terrena tolerável. Às 9:20, você descobre que essa pessoa única e extraordinária, essa perfeição das perfeições, dormiu com outra pessoa; ontem, ou na semana passada, ou há um mês, ou há seis meses, ou há um ano. Às 9h25 - você precisará de cinco minutos para voltar a ser você mesmo - essa perfeição das perfeições se tornou um monstro aos seus olhos, talvez o monstro mais repugnante que a Terra já teve. A presença deles se torna repentinamente odiosa e, para lidar com a notícia, você não vê outro recurso a não ser abandonar para sempre o teto sob o qual vocês viveram tantas horas de aflição e prazer juntos.

Não sei em que razões de ordem moral - leiga, jurídica ou religiosa - você pode estar baseando suas ações, mas, aos meus olhos, declaro francamente que só posso conceber sua conduta como ditada por um de três motivos - ignorância, crueldade ou demência. Certo, bem, não quero a companhia de pessoas ignorantes, cruéis ou dementes.

Serei cínico. Afirmo que se o atrevimento sexual - que nada tem a ver com a liberdade sexual - fosse universal, não produziria mais males e misérias do que a maneira atual de conceber o casamento.

O burguês nos denuncia por sermos partidários da liberdade sexual. Somos chamados de indiferentes, insensíveis, imunes à dor ou ao incômodo resultantes da incapacidade de manter as emoções dentro de si, dos erros, das rupturas, das separações. E isso é não ter nos conhecido ou compreendido de fato. Apesar de termos de lidar com o sofrimento mais atroz, de sermos crucificados sentimentalmente, não queremos ditadura em questões de amor, nem em questões políticas, econômicas, morais ou intelectuais. Não aceitamos, no mundo do amor, o domínio dos homens sobre as mulheres, nem o domínio das mulheres sobre os homens.

Ao falar de associativismo ou de camaradagem em questões intelectuais, econômicas, científicas ou recreativas, todos os anarquistas, ou cada um deles, apresenta seus projetos, planos e sugestões. Quando se trata de associativismo em questões sexuais ou de camaradagem amorosa, os reunidos parecem angustiados; os homens nos olham como se olhassem para um invasor importuno, e as mulheres como se fôssemos depravados.

O nacionalismo, o chauvinismo ou patriotismo, a belicosidade, a exploração e a dominação são encontrados enraizados no ciúme, na acumulação, na exclusividade amorosa e na fidelidade conjugal. A moralidade sexual sempre faz uso dos partidos retrógrados, do conservadorismo social. O moralismo e o autoritarismo estão ligados um ao outro como a hera a um carvalho.

Não é que eu queira a morte do amor, mas tenho medo do amor morto. A isso eu me oponho ao amor vivo, que rompe as correntes do preconceito, arranca as máscaras do orgulho e vai embora com desdém; aquele amor que está acima do bem e do mal, o amor desenfreado, fluido e desimpedido, o amor embriagado, afrodisíaco, igual e plural, o amor generoso que ninguém nega. Eu o contraponho ao amor pálido, grosseiro, limitado, escasso, pudico, ignorante da paixão e da aventura, que se prende ao amor por uma única pessoa como um caracol se prende à sua concha, um amor mesquinho que não se doa porque pode oferecer tão pouco.

Certas pessoas, respeitáveis em questões de anarquia, olharam umas para as outras quando se encontraram e sussurraram: pornógrafo. Os pornógrafos, amigos meus, são pessoas que não conseguem ouvir falar de sexualismo, não conseguem ler uma descrição erótica ou se sentir em torno de um desejo de amor sem sentir nojo, sem sentir repulsa. Os pornógrafos são aqueles que se sentem agredidos em suas entranhas quando veem a nuca brilhante de um pescoço, uma garganta que bate suavemente, uma pele fina, um quadril curvo; isso faz seu sangue ferver.

Os pornógrafos são aqueles que acreditam estar no império do pecado quando uma visão de luxo passa diante de seus olhos. Ah, os pobres impuros! Ah, os escravos!

O casal que ignora os "amores laterais" acaba sofrendo influência mútua na maneira de ver as coisas, na maneira de sentir; até mesmo reproduzindo as manias um do outro. Nesse caso, a individualidade desaparece, as personalidades são dominadas e ambos os membros do casal acabam sem iniciativa individual. Eles acabam tendo medo da experiência por si só, a tal ponto que, embora possam até se dizer anarquistas, suas vidas dificilmente diferem das dos conservadores sociais mais antiquados.

Para mim, a questão primordial é a de saber: a propaganda em favor do pluralismo amoroso, da conquista da faculdade do amor plural, em sua tripla forma, intelectual, sentimental e carnal - essa

propaganda não valoriza a unidade humana? Se um indivíduo se permite conhecer os outros mais intimamente, e permite que os outros o conheçam mais intimamente, ele não brilha mais intensamente, não vive com mais intensidade; ele não aprecia com mais soltura e liberdade de espírito as energias de seus companheiros, não se torna menos pobre, menos rude, menos mesquinho no contato com os outros que determina sua vida cotidiana? Isso é o que me interessa como um portador da anarquia, convencido de que a pobreza sentimental, a indigência do brilho amoroso e o dogmatismo conjugal constituem excelentes campos de operação para plantar as sementes da verdade em espíritos ortodoxos ou arqui-arquistas.

Não sei por que a busca de um prazer sentimental pela satisfação que ele pode proporcionar, os refinamentos do prazer amoroso pelo deleite que eles podem nos proporcionar, são considerados por alguns individualistas (!) como menos puros, menos elevados e até menos nobres do que a jornada pelo prazer intelectual pelo contentamento cerebral que ele pode proporcionar. Não entendo como um anarquista poderia compor uma lista hierárquica dos diferentes prazeres: catalogar este gesto, catalogar tal e tal parte do corpo como digna ou indigna. Sem dúvida, sou um grande "perverso" - pelo menos não sou muito "puro" - mas não consigo ver a menor diferença qualitativa entre a bochecha ou as nádegas de um homem ou de uma mulher. Não entendo, então, por que deve ser "bom", para os anarquistas, descobrir as bochechas, e "ruim" tirar a roupa das nádegas.

Não entendo por que, entre alguns anarquistas, o prazer que se sente ao ouvir uma bela música é considerado "elevado" e por que o prazer pelo qual sentimos a carne tremer ao toque de nossos beijos é considerado "baixo". Como é possível ter um conceito anarquista da vida e, ao mesmo tempo, construir uma hierarquia das sensações? Não consigo entender isso.

O que quero dizer com camaradagem amorosa? Um conceito de associação voluntária que engloba manifestações amorosas, gestos apaixonados e voluptuosos. É um entendimento mais completo de camaradagem do que aquele que traz apenas a camaradagem intelectual ou econômica. Não dizemos que a camaradagem amorosa é uma forma mais elevada, mais nobre ou mais pura; simplesmente dizemos que é uma forma mais completa de camaradagem. Toda camaradagem composta por três é, digamos assim, mais completa do que aquela composta apenas por dois.

Os individualistas, anarquistas materialistas e deterministas, dizem ou escrevem que ir além do prazer pelo prazer e do prazer por si só é um equívoco, uma ilusão. Não espero nada depois de morrer, vou repetir, e não considero um equívoco nem uma ilusão contemplar, à beira do oceano, ouvir os murmúrios da cidade, em um pomar, triturar maçãs em meus dentes. Não considero uma ilusão nem um roubo sentir a pressão dos lábios de uma mulher contra os meus. Minha vida é muito curta - como a sua - para que eu renuncie no momento em que a ocasião se apresentar para que eu desfrute de alguém que se oferece a mim, ou para provocar a oportunidade, se for necessário.

Ouçoo pessoas dizendo que a monogamia é superior a qualquer outro tipo de união sexual. Diferente, sim; superior, não. A história nos mostra que os povos não monogâmicos não são de forma alguma inferiores, no que diz respeito à ciência ou à literatura, aos monogâmicos. Os gregos eram dissolutos, incestuosos, homossexuais e elogiavam a cortesia. Veja as obras artísticas e filosóficas que eles criaram. Compare a produção arquitetônica e científica dos árabes poligâmicos com a ignorância e a grosseria dos cristãos monogâmicos da mesma época. Além disso, não é certo, como se presume, que a monogamia ou a monandria sejam naturais. Pelo contrário, são artificiais. Onde quer que o arqui-inimigo não intervenha ou puna rapidamente com sua severidade típica (arqui-inimigo, ou seja, a lei e a polícia), há um impulso para a promiscuidade sexual. Dê uma olhada nos bacanais saturnais e florais da Antiguidade - carnavalescos; festivais medievais; kermises flamengas; os clubes eróticos do século dos enciclopedistas -, bailes contemporâneos ao ar livre. São reações; e você pode gostar de mim ou não, mas, no final das contas, são reações. O que está acontecendo é que os seres humanos têm muita dificuldade em suportar a sujeição à monogamia e à monandria, e esse tipo de união sexual só é assim do lado de fora, nas aparências. Essa é a verdade.

Não nego - ninguém negou - que a monogamia funciona para certos - digamos, muitos - temperamentos. Mas, com base nos estudos que fiz sobre essas questões, proclamo que a monogamia e a monandria empobrecem a personalidade sentimental, estreitam o horizonte analítico e restringem a gama de possibilidades de envolvimento com pessoas diferentes.

Praticar a "camaradagem amorosa" significa, para mim, ser um camarada mais íntimo, mais completo e mais próximo. E pelo simples fato de estar conectado ao seu amante por meio da prática da camaradagem amorosa, você será, para mim, um camarada mais próximo, mais alter ego, mais amado. Além disso, pretendo me ajudar com as atrações sexuais como faria em uma panaceia de amizade mais ampla e mais acentuada. Eu nunca disse que essa ética estava ao alcance de todas as mentalidades.

Dizem-nos que é necessário indicar em que porto o anarquista individualista deve lançar âncora quando se lança no oceano da diversidade das formas de vida sentimental ou sexual. O meio anarquista individualista do qual faço parte tem outro ponto de vista. Achamos que é a posteriori e não a priori - de acordo com a experiência, a comparação, a investigação pessoal - que o individualista deve decidir se vai optar por um tipo de vida sexual ou outro. Nossa iniciativa e nossos critérios existem para que possamos nos ajudar com eles sem nos deixarmos diminuir pela diversidade ou pluralidade de nossas experiências. As tentativas, os testes e as aventuras não nos assustam. Seguir esse caminho traz riscos que devem ser calculados, devemos olhar para frente com clareza antes de entrar no barco. Quando estivermos flutuando no mar, saberemos para onde o vento está nos empurrando; o essencial é que fixemos bem os olhos na tempestade escura para terminarmos com a mais clara lucidez, sempre aptos a fazer um balanço das situações em que nos encontramos. Para descobrir em que ponto estamos. Consideramos a vida uma experiência, e queremos essa experiência por si só.

Biblioteca Anarquista



Émile Armand
Gotas de limão
Aforismos
1956

Adquirido em 2024 de lib.anarhija.net
Título original: Lemon Drops (Aphorisms). Tradução: Contraciv, 2024.

bibliotecaanarquista.org